



ANAIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR

Vol. XII (2011)

ISSN 0874-9671 (impresso/print)

ISSN 2795-4455 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.rcaap.pt/aham>

Livros e formação profissional na corte do Rio de Janeiro

Maria Beatriz Nizza da Silva

Como Citar | How to Cite

Silva, Maria Beatriz Nizza da. 2011. «Livros e formação profissional na corte do Rio de Janeiro». *Anais de História de Além-Mar* XII: 319-332. <https://doi.org/10.57759/aham2011.37234>.

Editor | Publisher

CHAM – Centro de Humanidades | CHAM – Centre for the Humanities

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Universidade NOVA de Lisboa | Universidade dos Açores

Av.^a de Berna, 26-C | 1069-061 Lisboa, Portugal

<http://www.cham.fcsh.unl.pt>

Copyright

© O(s) Autor(es), 2011. Esta é uma publicação de acesso aberto, distribuída nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

© The Author(s), 2011. This is a work distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted reuse, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.



As afirmações proferidas e os direitos de utilização das imagens são da inteira responsabilidade do(s) autor(es).

The statements made and the rights to use the images are the sole responsibility of the author(s).

LIVROS E FORMAÇÃO PROFISSIONAL NA CORTE DO RIO DE JANEIRO

por

MARIA BEATRIZ NIZZA DA SILVA *

A análise das bibliotecas particulares no fim do período colonial revela seu carácter pragmático: os livros não se destinavam a uma leitura prazerosa, a ocupação de lazer, mas sim a tornar um indivíduo capaz de exercer adequadamente sua profissão, fosse ela na magistratura, na medicina e cirurgia, ou nas carreiras militares e da Marinha. Se as bibliotecas particulares possuíam tal característica, muito mais ela sobressai nas bibliotecas institucionais, como a da Academia dos Guardas-Marinhas de que aqui se trata e que chegou ao Rio de Janeiro quando a corte portuguesa acompanhou o príncipe regente D. João e a família real na sua saída de um Portugal invadido pelos franceses em 1807.

Em 1782 foi criada uma Companhia dos Guardas-Marinhas, com 48 vagas para jovens fidalgos entre os 14 e os 18 anos; para filhos de oficiais da Marinha; para filhos de oficiais do Exército; e ainda para discípulos da Academia Real da Marinha. Não foi dado logo um Regulamento para esta Companhia, na qual foi criada em 1788 a classe dos aspirantes guardas-marinhas com 24 vagas. Nesse mesmo ano o número dos guardas-marinhas foi aumentado para 60¹.

Só em 1796, pela carta de lei de 1 de Abril, foram estabelecidos os estatutos da Academia Real dos Guardas-Marinhas, baseados nas «observações que desde a sua fundação até agora o tempo tem feito evidentes», e que regulamentavam os estudos a que os jovens estavam obrigados. O curso tinha a duração de três anos, com ênfase na Matemática, que ocupava todo esse tempo. A parte mais prática começava no primeiro ano, com o estudo do Aparelho, ou seja os nomes, posições, figuras e usos dos mastros, mastaréus, vergas e cabos fixos, e aprendia-se «toda a obra volante de marinheiro,

* Universidade de São Paulo.

¹ Antônio Luís Porto e ALBUQUERQUE, «A Academia Real dos Guardas-Marinha», in *História Naval Brasileira*, Vol. 2, Rio de Janeiro, Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1979, pp. 356-357.

exercitando-se em praticar as mesmas obras». Os alunos visitariam a Casa das Velas, «onde vejam e sejam admitidos a praticar quanto pertence a este artigo».

No segundo ano, além dos princípios de Álgebra e suas aplicações à Aritmética e Geometria, e da Mecânica, «com a sua aplicação imediata ao aparelho e manobra», aprenderiam o Desenho de Marinha, «copiando e reduzindo plantas de diferentes costas, baías, enseadas e portos e representando vistas de ilhas, cabos e promontórios». Estudariam ainda a «construção metódica da embarcação». O Desenho mantinha-se no terceiro ano, ao mesmo tempo que os alunos tinham aulas com o lente de Artilharia, que iria com eles «a um lugar próprio onde algumas vezes pratiquem o exercício do fogo». Aprenderiam a montar e desmontar as peças de Artilharia, a encartuchar a pólvora e a fazer diferentes fogos-de-artifício usados a bordo, e finalmente a atacar uma praça marítima. Terminariam os estudos com «a solução dos importantes e diversos problemas da Artilharia Prática, onde se empreguem os princípios matemáticos ali ensinados», os quais, neste último ano, eram a Trigonometria Esférica, a Navegação Teórica e Prática, e uns rudimentos de Tática Naval².

Em 1799 os estatutos foram alterados no sentido de equiparar o curso matemático da Academia Real dos Guardas-Marinhas aquele que era ministrado na Academia Real da Marinha e também se transferiu o ano de embarque a que eram obrigados os estudantes do fim do primeiro ano para quando tivessem terminado o curso matemático³.

A biblioteca foi criada a 1 de Abril de 1802, com os manuscritos e mapas que existiam em Lisboa e que atravessaram o Atlântico. Por um aviso de 5 de Maio de 1808, a Academia foi instalada no hospício do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro com todos os instrumentos, livros, modelos, máquinas, cartas e planos a ela pertencentes⁴. O catálogo da Biblioteca da Academia dos Guardas-Marinhas foi terminado em Abril de 1812, mas a 24 de Julho desse ano foi acrescentada a observação de que estavam pendurados nas paredes alguns mapas gerais geográficos, e também quadros com os retratos de rainhas e príncipes. Depois de concluído o catálogo, restituíram-se à biblioteca, vindos do quartel-general da Marinha, dois atlas e os mapas da América meridional publicados por Arrowsmith⁵. Os títulos das obras eram sempre traduzidos e simplificados, sendo indicados a data da edição e o nome do editor, no sentido setecentista do termo, ou seja, a pessoa que revia e anotava uma obra já publicada ou por si compilada.

² *Ibidem*, pp. 359-360.

³ *Ibidem*, pp. 361-362.

⁴ José Silvestre RIBEIRO, *História dos estabelecimentos científicos, literários e artísticos de Portugal nos sucessivos reinados da monarquia*, tomo 2, Lisboa, 1872.

⁵ Este catálogo manuscrito encontra-se na FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL [FBN], Mss. 7, 4, 92, e tem 31 páginas.

Logo de início, é feita menção no catálogo aos manuscritos ali conservados, uns antigos, extraídos da Torre do Tombo, relativos em grande parte a temas náuticos portugueses; e outros modernos, que tinham vindo da Sociedade Real Marítima, «onde foram entregues por seus autores». Esta Sociedade foi criada em Lisboa por D. Rodrigo de Sousa Coutinho, em 1798, com o objetivo de impulsionar «o desenho, a gravura e a impressão de cartas hidrográficas, geográficas e militares» e também de inspirar memórias sobre temas relevantes para o conhecimento do Brasil⁶.

Analisando agora cada uma das classes em que as obras foram agrupadas, constatamos que a relativa às ciências naturais incluía livros destinados a fornecer uma leitura complementar a alunos que não tinham, em seu currículo acadêmico de três anos, matérias como História Natural, Botânica, ou Química, embora a Física estivesse mais próxima de sua rede curricular. Salientam-se as obras de divulgação do padre Louis Cotte: *Lições elementares de História Natural* (1784), *Lições elementares para uso dos adultos* e *Manual de História Natural* (1787). A Botânica incluía edições setecentistas de Lineu (*Prática de Botânica*, *Sistema das Plantas Europeias*, *Filosofia Botânica*, *Delineação Botânica* e *Gêneros das Plantas*) e o *Compêndio de Botânica* do naturalista português mais célebre na época, Félix Avelar Brotero.

Quanto à Química, nota-se a preferência por divulgadores como Chaptal (*Elementos de Química*) e Fourcroy (*Sistema de Elementos Químicos*), ao invés de Lavoisier, que já publicara em 1789 um *Traité élémentaire de Chimie*. Fourcroy teve tal importância no ensino do período joanino, que em 1816 a Imprensa Régia do Rio de Janeiro publicou a segunda edição da sua *Filosofia Química*, traduzida por Manuel Joaquim Henriques de Paiva. Haüy, autor de um *Tratado de Mineralogia*, estava, tal como Fourcroy, muito presente nas bibliotecas do Brasil no início do século XIX.

Certamente por suas maiores afinidades com a formação dos guardas-marinhas, a seção de Física dispunha de 27 títulos, enquanto as outras três continham apenas 17. Chamam a atenção algumas obras mais antigas, que constituíam verdadeiras raridades históricas, como o *Tratado* de Jacques Rohault, um cartesiano acerca do qual Voltaire escreveu em *Le siècle de Louis XIV*: «Resumiu e expôs com clareza e método a filosofia de Descartes, mas hoje esta filosofia, em quase tudo errônea, tem como único mérito ter sido oposta aos antigos erros.»

Como o francês era a língua estrangeira mais conhecida, as obras dos ingleses encontravam-se em geral em edições francesas: Roger Cotes, *Leçons de physique expérimentale, sur l'équilibre des liqueurs et sur la nature et les propriétés de l'air* (1742); Gravesande, *Éléments de Physique, ou introduction à la philosophie de Newton* (1747); e John Theophilus Desaguliers, *Cours de Physique expérimentale* (1751). Mas sabemos, pelas datas de edição, que as

⁶ Ver Andrée Mansuy DINIZ-SILVA, *Portrait d'un homme d'État: D. Rodrigo de Souza Coutinho, comte de Linhares, 1755-1812*, Tomo II, «L'homme d'État, 1796-1812», Paris, Centro Cultural Calouste Gulbenkian, 2006.

obras de George Adams se encontravam em inglês, provavelmente porque ainda não havia delas tradução francesa: *Essays on the microscope, containing: a practical description of the most improved microscopes; a general history of insects, their transformations, peculiar habits and economy; and account of the various species and singular properties of the hydrae and vorticellae* (1787); *An Essay on electricity, explaining the theory and practice of that science and the mode of applying it to medical purposes. With an essay on magnetism* (1787); e *An Essay on vision, briefly explaining the fabric of the eye and the nature of vision* (1789).

Entre os autores franceses, o mais conhecido é sem dúvida o abade Nollet, divulgador da Física nos salões parisienses, que, em suas cartas sobre a eletricidade, examina as descobertas feitas desde 1752, defendendo «o princípio das efluências e afluências simultâneas contra a doutrina do Sr. Franklin». Esta biblioteca possuía *L'art des expériences, ou avis aux amateurs de la physique, sur le choix, la construction et l'usage des instruments, sur la préparation et l'emploi des drogues qui servent aux expériences* (1770); *Recherches sur les causes particulières des phénomènes électriques et sur les effets nuisibles ou avantageux qu'on peut en attendre* (1764); e *Lettres sur l'électricité* (1764). Também Dortous de Mairan, autor do *Tratado físico e histórico da aurora boreal* (1754), conheceu uma certa notoriedade na época, graças a sua correspondência com Malebranche, na qual se mostra seduzido pelas demonstrações de Espinosa.

Outros nomes do catálogo são hoje praticamente desconhecidos, exceto para aqueles especialistas de história das ciências que não se preocupam apenas com os grandes vultos científicos, mas também com indivíduos que, num dado momento histórico, eram considerados sábios por seus contemporâneos: O abade Para du Phanjas publicou, em 1772, *Théorie des êtres sensibles, ou Cours complet de physique spéculative, expérimentale, systématique et géométrique, mise à la portée de tout le monde*, dividida em quatro partes: teoria da matéria e do movimento; teoria da terra, da água, do ar; teoria dos meteoros, da luz, do fogo, da eletricidade; teoria do céu ou astronomia geométrica e astronomia física. Duhamel du Monceau foi o autor, em 1758, de *La Physique des arbres, où il est traité de l'anatomie des plantes et de l'économie végétale*. Saussure compôs em 1783 os *Essais sur l'hygrométrie*, nos quais descrevia um novo higrômetro, elaborava uma teoria da higrometria e outra para a evaporação, aplicando finalmente estas teorias a alguns fenômenos de meteorologia. Das três obras do padre Louis Cotte constantes desta subdivisão, saliento, por seu carácter didático, as *Leçons élémentaires de physique, d'astronomie et de météorologie, par demandes et réponses, à l'usage des enfants*, de 1788.

Como seria de esperar numa biblioteca destinada à formação dos guardas-marinhas, as obras de Matemática (pura e aplicada) são mais numerosas e constituem, com as de ciências e artes navais, o núcleo duro desta coleção.

TABELA 1. Distribuição das obras de Matemática (pura e aplicada)

Áreas	Títulos
Aritmética e Álgebra	25
Cálculo Superior	13
Geometria e Trigonometria	21
Astronomia	35
Mecânica	31
Ótica, Perspectiva e Cronometria	20
Poligrafia das Matemáticas Puras	22
Poligrafia das Matemáticas Mistas	27
Total	144

Se excetuarmos Euler, a bibliografia matemática é predominantemente francesa: Lagrange, Condorcet, Bezout (um dos autores mais utilizados nas academias profissionais portuguesas do início do século XIX), Condillac (apenas a sua *Língua dos Cálculos*), Carnot, Bossut, Clairaut, Lacroix, Lemoine, d'Alembert, Hôpital, Lacleix, são os autores presentes. Mesmo na Astronomia os franceses sobressaem, com La Condamine, *Medição de parte de um meridiano austral*; d'Alembert, *Sistema do Mundo*; Laplace, *Mecânica celeste e Exposição do sistema do mundo*; Lalande, *Astronomia*, para só citar alguns exemplos. Nesta secção, o autor do catálogo introduz uma nota sobre a possibilidade de leituras complementares: «Há também Almanques náuticos de 67 a 73, de 75, 76, 84, 87, e 95 a 804, tudo inclusive, e também conhecimentos de tempos relativos aos anos 86, 88 a 94, e 10.º da República, além dos quais também existem as Efemérides olissiponenses e brasilienses, mais entre os manuscritos alguns que indicam as observações efetuadas no Reino, principalmente no Real Observatório da Marinha em Lisboa, até 1807, e várias memórias astronómicas de Damoiseau, de Monfort, com outros cujos números vão escritos na página dos polígrafos.»

Já na subdivisão Ótica, domina a obra de Newton. Aqui aparecem também um tratado sobre os cronómetros, uma arte de levantar plantas, um livro sobre o uso do compasso de proporção, uma obra sobre as propriedades da marcha da lua, regras de desenho, tratados de perspectiva aérea e linear, etc.

Inseriam-se nos polígrafos obras mais gerais e instrumentos de trabalho e pesquisa como dicionários e enciclopédias. Exemplificando este tipo de informação científica, podemos citar o *Dictionnaire mathématique, ou idée générale des mathématiques*, de Jacques Ozanam, publicado em 1691; o *Dictionnaire universel de mathématique et de physique* (1753), de Alexandre Savérien; e uma enciclopédia matemática, de vários autores, publicada em 1787. Desta lista constam também histórias desta ciência, como a de Montucla, de 1799, *Histoire des mathématiques, dans laquelle on rend compte de leurs progrès depuis leur origine jusqu'à nos jours*.

Algumas obras de polígrafos constam simultaneamente de várias subdivisões e portanto são repetidas ao longo do catálogo, sendo essa repetição sempre assinalada. É interessante reproduzir aqui o conselho dado aos estudantes: «convirá também consultar os cursos de Matemática, tendo aliás na lembrança o curso de estudos para uso da Escola Militar, as memórias das Academias, o resumo das Transações Filosóficas, a Grande Enciclopédia das Artes e Ofícios, as sessões das Escolas Normais, e o Jornal Politécnico»⁷.

As ciências e artes navais incluem a arquitetura naval, a cordoaria, a instalação, ou seja, «a arrumação e o detalhe das coisas e pessoas», e manobras, geografia e hidrografia, pilotagem, tática telegráfica e o governo militar náutico. Esta é na verdade a classe mais importante da biblioteca dos guardas-marinhas: são ao todo 201 obras, embora algumas se encontrem já listadas em outras subdivisões, sobretudo os polígrafos. É também onde deparamos com mais textos anônimos. Vejamos a lista seguinte, com os títulos em português e a data da edição.

Construção dos navios de guerra (1688)
Ordenança naval de Luís XIV (1689)
Mastreção dos navios (1727)
Resumo de pilotagem (1728)
Ordenanças da marinha de Espanha (1748)
Considerações sobre a marinha militar francesa (1756)
História das navegações às terras austrais (1756)
Memória geográfica e crítica sobre os países boreais (1765)
Astronomia dos marítimos (1766)
Ensaio sobre a marinha (1782)
Atlas dos meninos (1784)
Regimento da marinha francesa (1786)
Ordenações navais espanholas (1793)
Navegador oriental (1794)
Dicionário da indústria humana (1801)
Notícia das obras d'Anville (1802)
Piloto completo do canal britânico (1803)
Elementos e prática da Arquitetura naval (1805)
Novo guia do homem do mar (1806)

Também aqui o autor do catálogo acrescenta notas com aconselhamento de leituras a serem feitas pelos estudantes. Depois de listar os livros de Arquitetura Naval, escreve: «Além das obras sobremencionadas, convirá

⁷ A documentação revela que a formação daqueles que pertenciam à Marinha Real passava por várias etapas na Academia e podia ser complementada com a frequência de instituições afins. Um afilhado da condessa das Galveias requereu, em 1820, ser nomeado «voluntário de aviso» para a corte do Rio de Janeiro, alegando «estar plenamente aprovado em todo o curso matemático como igualmente nos estudos do Observatório Real da Marinha». ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO [AHU], *Conselho Ultramarino*, Rio de Janeiro, caixa 286, doc. 20192.

consultar o *Exame marítimo* de D. Jorge Juan, assim no original, como na tradução de Leveque; a *Arte da Marinha* por M. Romme; a *Enciclopédia marítima*, mais a das Artes e Ofícios; os Vocabulários navais; o curso matemático de Bezout; a *História das matemáticas* por Montucla; a da Marinha, e as Memórias das Academias.» Para completar as leituras sobre Geografia e Hidrografia, lembra «o catálogo dos mapas, advertindo que estão depositados no Arquivo Militar, e o dos manuscritos existentes neste depósito», ressaltando entre outros documentos a carta de Pêro Vaz de Caminha ao rei sobre o descobrimento do Brasil, a qual veio a ser publicada pela primeira vez em 1817, na *Corografia Brasílica* do padre Aires de Casal.

A seguir à enumeração das obras de pilotagem, lembra mais uma vez os manuscritos, que surgem numerados para mais fácil localização. Adverte, contudo, ter suprimido a análise dos manuscritos, «a fim de não tornar demasiado longo o estudo desta biblioteca». Finalmente, aconselha a História Geral das Viagens, «e entre estas as marítimas, especializando as de Chabert, Cassini, Verdun, La Pérouse, La Billardiére, Vancouver, Marchand e Cook».

Em resumo, sendo este o núcleo fundamental de uma biblioteca especializada para a formação de guardas-marinhas, convém salientar os temas específicos abordados: construção de navios, tratados de mastreação, livros sobre as madeiras mais adequadas à arquitetura naval, uma *Arte do cordoeiro*, uma obra sobre as *Máquinas e manobras usadas a bordo*, e até um tratado sobre a perda do leme.

A literatura de viagens desempenha um papel crucial, bem como os mapas que delas resultaram como os de La Pérouse, publicados entre 1785 e 1788, e os de Vancouver, de 1791. Mais técnica, a secção de pilotagem inclui um método de observar a variação da agulha, tábuas loxadrómicas, ou seja, tábuas de calcular o rumo náutico, uma arte de medir o caminho do navio, tratados de astronomia náutica, tábuas para corrigir as distâncias, tábuas de declinação do sol, tábuas sobre o sextante e o quintante, folhetos sobre o oitante, tábuas de latitudes e longitudes. Não podiam também faltar à formação naval o conhecimento da organização política das marinhas europeias, sobretudo a espanhola e a francesa.

A classe das ciências e artes militares de terra constituía a base dos estudos da Academia Militar e neste catálogo as obras surgem como um complemento, embora suas quantidades sejam significativas.

TABELA 2. Distribuição das obras de ciências e artes militares de terra

Subáreas	Títulos
Artilharia e Cavalaria	24
Engenharia e Infantaria	19
Tática e Governo Militar	25
Total	68

Manuel Ferreira de Araújo Guimarães, que foi professor da Academia dos Guardas-Marinhas no Rio de Janeiro, continuou a usar estas obras quando passou para a Academia Militar, cuja biblioteca não se encontrava tão bem provida de livros⁸.

A última classe de obras constantes do catálogo que estamos examinando, a Polimatia, revela o cuidado com uma formação mais ampla, e não apenas técnica, dos estudantes. A História também ali tinha seu lugar, desde Políbio até à historiografia mais recente, incluindo biografias, como a tradução francesa do livro de Andrew Kippis, *Vie du capitaine Cook*, publicada em 1789. Muito naturalmente, era dada preferência à história naval, desta vez em inglês. Localizamos, de Isaac Schomberg, *Naval chronology, or An historical summary of naval and maritime events, from the time of the Romans to the treaty of peace*, 1802; e de Robert Beatson, *Naval and military memoirs of Great Britain, from 1727 to 1783* (1802).

Por Literatura entendia-se então estudos de gramática, dicionários de línguas, sobretudo bilingues, elogios de homens célebres como Buffon ou d'Alembert, orações fúnebres. Quanto à secção Miscelânea, salientarei apenas aquelas obras relacionadas com a vida marítima, sem contudo pertencerem a um ramo científico específico. Por exemplo a versão francesa do livro de Stephen Hales, *Instructions pour les mariniers, contenant la manière de rendre l'eau de mer potable, de conserver l'eau douce, le biscuit, le blé, et de saler les animaux* (1740); de Henri-Louis Duhamel du Monceau, *Moyens de conserver la santé aux équipages des vaisseaux, avec la manière de purifier l'air des salles des hôpitaux, et une courte description de l'Hôpital Saint-Louis, à Paris* (1759); de William Turnbull, *The naval surgeon, comprising the entire duties of professional men at sea. To which are subjoined a system of naval surgery, and a compendious pharmacopea* (1806).

A relação de viagens constitui um bloco importante deste catálogo, fossem elas por mar ou por terra, antigas ou modernas. Dado o seu carácter mais científico, e menos concentrado portanto na descrição do exótico, referirei apenas as narrativas da segunda metade do século XVIII e início do século XIX:

Voyage historique de l'Amérique méridionale fait par ordre du roi d'Espagne par Don George Juan... et par Don Antoine de Ulloa... qui contient une histoire des Yncas du Pérou, et les observations astronomiques et physiques, faites pour déterminer la figure et la grandeur de la terre (1752)

Véritable relation de tout ce qui s'est fait et passé au voyage que monsieur de Bretigny fit à l'Amérique occidentale. Avec une description des mœurs, et des pro-

⁸ FBN, Mss. I – 28, 32, 13. Carta de Manuel Ferreira de Araújo Guimarães dirigida a João de Almeida, fazendo uma exposição dos seus trabalhos como lente da Academia Real dos Guardas-Marinhas e mais tarde transferido para a Academia Militar, servindo desde 1808, e dando a relação das matérias que eram ensinadas e dos compêndios que traduziu. Rio de Janeiro, 2 de abril de 1812.

vinces de tous les sauvages de cette grande partie du Cap Nord, un dictionnaire de la langue et un avis très nécessaire à tous ceux qui veulent habiter ou faire habiter ce pays-là, ou qui désirent d'y établir des colonies. Le tout fait sur les lieux par Pierre Boyer, écuyer, sieur du Petit Puy (1754)

John Henry Grose, *Voyage aux Indes orientales par...*, traduit de l'anglais par M. Hernandez (1758)

Joseph-Bernard de Chabert, *Voyage fait par ordre du roi en 1750 et 1751 dans l'Amérique septentrionale, pour rectifier les cartes des côtes de l'Acadie, de l'Île Royale et de l'Île de Terre Neuve, et pour en fixer les principaux points par des observations astronomiques (1759)*

Gerhard Friedrich Müller, *Viagens e descobertas feitas pelos russos (1765)*

John Byron, *Voyage autour du monde fait en 1764 et 1765, sur le vaisseau de guerre anglais Le Dauphin, commandé par le chef d'escadre Byron... traduit de l'anglais par M. R*** (1767)*

Johann Georg Gmelin, *Voyage en Sibérie, contenant la description des mœurs et usages des peuples de ce pays... par... Traduction libre de l'original allemand par M. de Kéralio (1767)*

Louis Antoine Bougainville, *Viagem às Malvinas (1770)*

Jacques Cassini, *Viagem em 1768 relativa aos instrumentos e cartas de navegação (1770)*

Sir Joseph Banks, *Supplément au voyage de M. de Bougainville, ou Journal d'un voyage autour du monde... en 1768, 1769, 1770, 1771 (1772)*

Pierre Claret Fleurieu, *Viagem feita em 1768 e 1769 (1773)*

Georges Vancouver, *Voyage de découvertes à l'océan Pacifique du nord, et autour du monde (1800)*

Billardièrre, *Relation du voyage à la recherche de La Pérouse, fait par ordre de l'Assemblée Constituante, pendant les années 1791, 1792, et pendant la 1^{ère} et la 2^e année de la République Française (1800)*

Sir Alexander Mackenzie, *Voyages from Montreal on the river St. Lawrence, through the continent of North America to the Frozen and Pacific Oceans, in the years 1789 and 1793, with a preliminary account of the rise, progress and present state of the fur trade of that country (1802)*

Em relação a esta última obra, é difícil saber se a biblioteca dos guardas-marinhas tinha a edição inglesa ou sua tradução francesa feita no mesmo ano. A tradução dos títulos em português dificulta a identificação das obras, pois temos como única pista a data da edição. Do mesmo modo, quando são vários os autores, fica por vezes impossível identificar a obra, por exemplo a *Viagem ao Mar do Sul*, pois não conhecemos o local de edição. No caso de uma viagem de Banks e Solander, editada em 1774, sabemos apenas que o editor foi Hawksworth. No caso da terceira viagem de James Cook, esta biblioteca possuía o «original inglês» publicado em 1785.

Até a segunda metade do século XVIII, as principais bibliotecas profissionais coletivas no Brasil pertenciam aos conventos e só com a criação da

Academia Militar e da Academia dos Guardas-Marinhas no Rio de Janeiro é que encontramos ao alcance dos alunos os livros especializados de que necessitavam para seus estudos. O curso completo dos guardas-marinhas durava, como vimos, três anos. Vejamos agora quais eram os compêndios utilizados. No primeiro ano estudavam aritmética, álgebra até às equações de segundo grau, a geometria e a trigonometria pelo livro de Bezout; no segundo a álgebra, a aplicação desta à geometria, o cálculo diferencial e integral e a mecânica, também por Bezout; no terceiro, a ótica e a astronomia pela obra de Lacaille. Os alunos recebiam ainda aulas de artilharia segundo o compêndio de John Müller, que em inglês se intitulava *A Treatise of Artillery... to which is prefixed an introduction, with a theory of powder applied to firearms*.

Eram sete os professores, entre os quais um de Desenho e outro de Aparelho. Contavam-se ainda um instrutor para os exercícios militares e um mestre de esgrima. Segundo Balbi, a média de alunos era 40, sendo admitidos alguns (cerca de 15) que se destinavam apenas à pilotagem e que por essa razão cursavam somente as matérias do primeiro e terceiro anos, não sendo obrigados aos exercícios militares⁹.

Dado o número reduzido daqueles que conseguiam obter uma educação náutica formal, observamos que os jovens que ingressavam na Marinha Real começavam seu aprendizado com a prática obtida em viagens. Um aspirante a guarda-marinha, Francisco Vitorino Xavier de Brito, fez parte da guarnição do brigue de guerra *Glória* que chegou a Lisboa em finais de outubro de 1820, procedente do Maranhão, de onde era natural. Solicitou então lugar em outra embarcação para o Rio de Janeiro, onde se encontrava seu pai, «para ali entrar nos estudos da Academia Real dos Guardas-Marinha»¹⁰.

Que conclusões podemos tirar da análise do conteúdo desta biblioteca? Pelas datas das edições, concluímos que é a cultura científica setecentista que predomina, embora em certos setores mais técnicos se note a preocupação de adquirir obras mais recentes, do início de século XIX. Através das informações fornecidas pelo autor do catálogo, constatamos que havia apenas seis autores do século XVII, 70 cuja morte ocorrera no XVIII e 84 que ainda estavam vivos quando da feitura desta listagem. Trata-se portanto de uma biblioteca atualizada e capaz de fornecer aos alunos os conhecimentos mais recentes em cada uma das áreas científicas e técnicas.

A segunda conclusão é a predominância da língua francesa, mesmo nas obras de autores ingleses, que eram abundantes. Aliás, a rapidez com que se traduzia em França o que era publicado em Inglaterra revela a concorrência científica e técnica entre as duas nações. Quanto à presença de autores portugueses, não se pode dizer que fosse abundante e seus nomes aparecem

⁹ Adrien BALBI, *Essai statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve, comparé aux autres États d'Europe, et suivi d'un coup d'oeil sur l'état actuel des sciences, des lettres et des beaux-arts parmi les portugais des deux hémisphères*, Tomo 2, Paris, 1822, p. 59, nota 1.

¹⁰ AHU, *Conselho Ultramarino*, Rio de Janeiro, caixa 286, doc. 20163.

sobretudo na História e em algumas obras destinadas também aos alunos da Academia Militar, por exemplo, José Fernandes Pinto Alpoim, *Exame de bombeiros* (1748) e *Exame de artilheiros* (1744).

Constam do catálogo algumas obras portuguesas específicas para a marinha: Manuel do Espírito Santo Limpo, *Princípios de tática naval* (1797); José Militão da Mata, *O destro observador, ou método fácil de saber a latitude do mar, sem dependência da observação meridiana...e com uma prefecção analítica sobre os progressos da pilotagem em Portugal* (1788) e *Compêndio do cálculo da latitude no mar pela observação meridiana dos astros* (1789); e Francisco de Paula Travassos, *Explicação da tabuada náutica para o cálculo das longitudes... e indagação das fórmulas que serviram para a sua construção* (1801).

O célebre oratoriano padre Teodoro de Almeida não estava ausente desta biblioteca: nela existiam a *Recreação filosófica, ou diálogo sobre a Filosofia Natural, para instrução de pessoas curiosas que não frequentaram as aulas* (1784) e as *Cartas físico-matemáticas de Teodósio a Eugênio. Para servir de complemento à Recreação filosófica* (1784). Nela existe também um texto raro de Silvestre Pinheiro Ferreira, publicado em 1808 em Amsterdão, quando o autor se encontrava à espera de poder regressar à corte, que já se encontrava no Rio de Janeiro. Ele descobrira na biblioteca do ministro português na Holanda um opúsculo do matemático português José Anastácio da Cunha sobre os princípios da Mecânica e resolveu escrever umas notas sobre a obra, livro esse que aparece na biblioteca dos guardas-marinhas.

E, finalmente, podemos chegar a uma terceira conclusão. Este catálogo pertence a uma época em que as várias áreas científicas e técnicas procuravam elaborar sua linguagem própria e compilar em dicionários e enciclopédias o saber adquirido. Basta citar os seguintes títulos para se ter uma ideia de como as ciências e artes se esforçavam por elaborar uma súpula de fácil consulta, notando-se mesmo alguns dicionários portáteis.

Alexandre Savérien, *Dictionnaire universel de Mathématique et de Physique* (1753)

Alexandre Savérien, *Dictionnaire historique, théorique et pratique de Marine* (1758)

Louis Moreri, *Le grand dictionnaire historique, ou Mélanges curieux de l'histoire sacrée et profane* (1759)

Bernard Forest de Belidor, *Dictionnaire portatif de l'ingénieur et de l'artilleur, composé originairement par feu M. Belidor... Nouvelle édition totalement changée, refondue... par Charles Antoine Jombert* (1768)

Abade Pierre Jaubert, *Dictionnaire raisonné universel des arts et métiers, contenant l'histoire, la description, la police des fabriques et manufactures de France et des pays étrangers (par P. Macquer)... Nouvelle édition... revue et mise en ordre par M. l'abbé Jaubert* (1773)

Claude Joseph de Ferrière, *Dictionnaire de Droit et de Pratique* (1779)

Mathurin Jacques Brisson, *Dictionnaire raisonné de Physique* (1781)

Lawrence Echard, *Dictionnaire géographique portatif, ou Description de tous les royaumes, provinces, villes, patriarchats, évêchés, duchés, comtés, marquisats... des quatre parties du monde... traduit de l'anglais... avec des additions et des corrections... par M. Vosgien* (1782)

Aimé Henri Paulian, *Dictionnaire de Physique* (1789)

Daniel Lescallier, *Vocabulaire des termes de marine anglais et français en deux parties* (1798)

Finalizando a análise, gostaria de tecer alguns comentários acerca dos manuscritos conservados em cinco maços nesta biblioteca. O Maço I contém sobretudo documentos retirados da Torre do Tombo datados em sua maior parte do século XVI, por exemplo, «Privilégios concedidos a um mestre de fazer navios» (1500), «Conta das cousas de Malaca, dadas pelos nossos cativos» (1510), «Carta a el-rei sobre negociação acerca das Molucas» (1524), «Conta das embarcações capazes de ir à Índia em 1538» (1537) e várias cartas escritas de Goa, Ormuz, Cochim, Cananor ao rei.

O Maço II contém documentos considerados modernos, uns com data, outros sem ela. Deparamos com um «Plano para a criação da Artilharia da Marinha», um «Index para um Regulamento naval português», «Proposta para o estabelecimento de uma Companhia de Guardas-Marinha», «Mapa das naus e fragatas existentes no Rio Grande em 1776»; «Plano de Ramires sobre a proteção que a nossa Marinha militar pode dar à mercantil», «Mapa das forças navais argelinas no fim de 1785».

Os demais maços (III, IV e V) têm sua origem na Sociedade Real Marítima, pois é indicado o nome dos autores desses documentos¹¹. Os que mais apresentaram textos foram Cordeiro, Dantas, Vilasboas, Limpo e Travassos. O primeiro encaminhou um «Discurso sobre os progressos da arte de navegar»; Francisco de Paula Travassos, secretário daquela instituição, escreveu «Sobre o inventário das cartas e planos pertencentes à mesma Sociedade»; Manuel do Espírito Santo Limpo apresentou umas «Reflexões sobre as ilhas denominadas de Anadia» e uma «Representação sobre um impresso de Francisco Antônio Cabral».

Vejam os temas abordados por José Maria Dantas Pereira de Andrade. Mais do que memórias originais, observamos a presença de comentários sobre os documentos apresentados à Sociedade: «Informação sobre a memória precedente», isto é, a «Memória relativa a algumas ilusões de ótica», de Miremont; «Informação sobre os avisos para levantar pequenos planos hidrográficos»; «Sobre uma memória concernente às cartas da América meridional»; «Informação sobre um cálculo da longitude sem obser-

¹¹ Ver A. Teixeira da MOTA, «Acerca da recente devolução a Portugal pelo Brasil, de manuscritos da Sociedade Real Marítima, Militar e Geográfica, 1793-1807», in *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Ciências*, tomo XVI, 1972, pp. 237-310.

vação da distância»; «Informação sobre os vários papéis de Luís Antônio de Araújo»; «Memória sobre um periódico enciclopédico-marítimo»; «Parecer sobre a memória sobre a economia dos combustíveis».

Mas encontram-se ali também documentos do presidente e fundador da Sociedade, D. Rodrigo de Sousa Coutinho: «Discurso na sessão da abertura das sessões da Sociedade em 1801», e outros dois discursos referentes aos anos de 1802 e 1803. Andréa Mansuy Diniz-Silva, em seu magnífico estudo sobre D. Rodrigo, analisa estes discursos proferidos na Sociedade Real Marítima¹². O de 5 de Fevereiro de 1801, pronunciado quando D. Rodrigo de Sousa Coutinho já era ministro das Finanças e presidente do Real Erário, foi mais curto e mais político do que os anteriores, referindo sobretudo as medidas do príncipe regente D. João: aprovisionamento do Reino, luta contra os corsários argelinos, proteção da marinha mercante (vimos acima memórias sobre estes temas), organização do comércio com a Ásia, criação de um lazareto que permitisse a quarentena dos navios provenientes do Levante, trabalhos dos naturalistas José Bonifácio de Andrada e Silva e Nacion em suas viagens mineralógicas, restabelecimento do crédito público.

O discurso de 19 de Janeiro de 1802 teve igualmente um teor político, com elogios ao príncipe regente, protetor das ciências e das artes, e uma defesa da monarquia perante uma França revolucionária que jogara, em um lance de dados, «a sorte e a civilização de toda a Europa». Mas os temas eram variados e iam desde a agricultura, à paz depois da guerra contra a Espanha e a França, às questões da Marinha e dos domínios ultramarinos e à instalação de manufaturas. Foi certamente o mais longo discurso por ele feito.

Em seu último discurso como presidente da Sociedade Real Marítima, D. Rodrigo de Sousa Coutinho ressaltou os trabalhos de seus membros, sobretudo em relação à elaboração de uma carta geral de Portugal, à construção de um observatório destinado à formação e prática dos topógrafos e também a fazer progredir os conhecimentos astronômicos, a estudos sobre a fixação de pesos e medidas, e ainda aos trabalhos hidráulicos necessários à agricultura e ao comércio.

Fontes Manuscritas

ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO

Conselho Ultramarino, Rio de Janeiro, caixa 286, docs. 20163 e 20192.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, Brasil

Mss. 7, 4, 92 e I – 28, 32, 13.

¹² Op. cit., pp. 105-114.

Bibliografia

- ALBUQUERQUE, António Luís Porto e, «A Academia Real dos Guardas-Marinha», in *História Naval Brasileira*, Vol. 2, Rio de Janeiro, Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1979, pp. 356-357.
- BALBI, Adrien, *Essai statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve, comparé aux autres États d'Europe, et suivi d'un coup d'oeil sur l'état actuel des sciences, des lettres et des beaux-arts parmi les portugais des deux hemisphères*, Tomo 2, Paris, 1822.
- DINIZ-SILVA, Andrée Mansuy Diniz-Silva, *Portrait d'un homme d'État: D. Rodrigo de Souza Coutinho, comte de Linhares, 1755-1812*, Tomo II, «L'homme d'État, 1796-1812», Paris, Centro Cultural Calouste Gulbenkian, 2006.
- MOTA, A. Teixeira da, «Acerca da recente devolução a Portugal pelo Brasil, de manuscritos da Sociedade Real Marítima, Militar e Geográfica, 1793-1807», in *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Ciências*, Tomo XVI, 1972, pp. 237-310.
- RIBEIRO, José Silvestre, *História dos estabelecimentos científicos, literários e artísticos de Portugal nos sucessivos reinados da monarquia*, Tomo 2, Lisboa, 1872.